A large crowd of people in a stadium is holding up a massive banner. The banner features a central crest with a crown on top, flanked by two figures. The text 'PORTO' is written in large letters on the left and right sides of the crest. Above the crest, the text 'UMA 50' is visible. The banner is held up by a large group of people, and the stadium seating is filled with spectators. The scene is captured from a high angle, showing the scale of the event.

# Pavilhão 9: das celas às arquibancadas

Por Pedro Ordones

**É** noite de quarta-feira ou possivelmente tarde de domingo, às nove horas da noite ou pontualmente às quatro da tarde, e o frisson já toma conta de quem acompanha o espetáculo. O chão treme, o coração pulsa em um ritmo compassado a cada batida no bumbo como em um desfile de escola de samba. Estamos em um estádio, mais especificamente em uma torcida organizada de um dos mais amados clubes de futebol do Brasil: a Grêmio Recreativo, Cultural, Social, Bloco, Torcida, Clube Desportivo Pavilhão 9, conhecido como Pavilhão 9, do Sport Clube Corinthians Paulista.

A Pavilhão, criada em 1990, é uma das seis torcidas organizadas do Corinthians, junto com a **Gaviões da Fiel**, que é a mais antiga da equipe, fundada em 1969, e a maior organizada do Brasil, com 140 mil associados; a **Camisa 12**, fundada em 1971; a **Estopim da Fiel**, de 1979; a **Coringão Chopp**, de 1989; e a **Fiel Macabra** que representa os corinthianos do interior de São Paulo e foi fundada em 1993.

Uma característica, no entanto, a torna diferente de todas as demais: **ela nasceu dentro de um presídio**. Há pouco mais de três décadas, um grupo de nove amigos que realizava projetos sociais na casa de detenção de São Paulo, popularmente conhecida como

torcida organizada para o Timão, homônima de um dos prédio do Carandiru. Nessas visitas, os amigos ficaram sabendo que no Pavilhão 9 havia um time: o Corinthians do Pavilhão 9. Assim, surgiu a ideia de criar uma torcida, de dentro do Carandiru, para homenagear o time.

A torcida foi fundada em **nove de setembro de 1990** e realizava, dentro do Carandiru, ações que consistiam em levar itens de higiene pessoal para os encarcerados e também promover eventos esportivos, como jogos de futebol, visando a um maior contato e interação entre os internos. Chegando em 2024 a 34 anos de fundação, a Pavilhão tem agora sua sede situada no bairro de Itaquera, na região da zona leste da capital paulista, perto da **Neoquímica Arena**, estádio do Corinthians. Conta com cerca de **16 mil associados** espalhados pelo Brasil e possui **10 sub-sedes**, sendo seis delas no estado de São Paulo; duas na própria capital nos bairros Jaraguá e Perus; uma em Uberaba, Minas Gerais; e outra em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. No interior paulista, as sedes se localizam em: Franca, Limeira, Mogi Guaçu, Salto e Sumaré.

Na sede e nas demais sub-sedes da organizada, os torcedores costumam realizar diversos eventos, como festas de arrecadação, ensaios de bateria e assistir aos jogos do Corinthians, principalmente

Uma característica, no entanto, a torna diferente de todas as demais: **ela nasceu dentro de um presídio**. Há pouco mais de três décadas, um grupo de nove amigos que realizava projetos sociais na casa de detenção de São Paulo, popularmente conhecida como **Carandiru**, motivados por sua paixão pelo Corinthians resolveu criar a Pavilhão 9 -

localizam em: Franca, Limeira, Mogi Guaçu, Salto e Sumaré.

Na sede e nas demais sub-sedes da organizada, os torcedores costumam realizar diversos eventos, como festas de arrecadação, ensaios de bateria e assistir aos jogos do Corinthians, principalmente os clássicos contra outros clubes da capital, ou aqueles realizados nos estádios dos adversários. Além disso, a **Pavilhão Nove é também um bloco carnavalesco que disputa o desfile especial de bloco da cidade de São Paulo** e realiza diversos projetos sociais e atividades em sua sede principal.



# Do pavilhão às arquibancadas

Foto: Reprodução/Instagram/Pavilhão 9



Ser Corinthians é nunca desistir, é ter fé e acreditar até o fim, e é como seguir uma religião; daí que se explica o bordão: "Somos todos fiéis".



Torcida Pavilhão 9 em estádio protestando contra as Ligas e Confederações do futebol brasileiro - Foto: Acervo pessoal/Pavilhão 9

**Ser Corinthians é nunca desistir, é ter fé e acreditar até o fim, e é como seguir uma religião; daí que se explica o bordão: “Somos todos fiéis”.**

Apesar de se encontrar atualmente como a terceira maior torcida de representação do Corinthians, a Pavilhão carrega o estigma de ser uma torcida marginalizada, uma organizada de bandidos e através do esporte, mais especificamente do futebol, encontrou o caminho para ir além do muros do complexo penitenciário.

No Carandiru, onde havia internos de diferentes partes do Brasil, existia um misto de culturas, que se refletia na diversidade de expressões culturais da comunidade carcerária pelo esporte e a música. Isso fica claro quando temos exemplos de grandes nomes e letras do rap nacional que são oriundos do Complexo, como o rapper Dexter, conhecido como o Oitavo Anjo, o grupo de rap Pavilhão 9, que apesar de não ter sua origem no pavilhão, tem seu nome inspirado na torcida e também a música “Diário de um detento”, que foi uma



Mural artístico na antiga quadra da Pavilhão Nove - Foto: Acervo pessoal/Pavilhão 9

pavilhão, tem seu nome inspirado na torcida e também a música “Diário de um detento”, que foi uma composição de Mano Brown relatando na letra parte dos acontecidos na chacina de 02 de outubro de 1992.

No caso dos esportes, o mais praticado no complexo era o futebol, que não era tido só como uma prática esportiva: era acima de tudo uma ferramenta de cultura e socialização entre toda a instituição, os pavilhões e os internos. Cada pavilhão era separado, não tendo ligação de um para o outro, e por meio do futebol, os internos de diferentes pavilhões podiam se conhecer, através de festivais de futebol ou campeonatos internos organizados pelos próprios detentos.

Dentro do Carandiru, cada pavilhão era representado por um time de internos. “Lá os caras levavam o futebol a sério, não era qualquer um que fazia parte dos times, se você era pé de breque, já não ia jogar, ou ficava em uma posição mais tranquila no campo”, lembra Maurício Monteiro, Gestor Ambiental e ex-detento. Ao todo, eram nove equipes que representavam seus respectivos pavilhões e realizavam campeonatos entre si para



Torcida Corinthiana retratada sobre o bandeirão da Pavilhão Nove - Foto: Acervo pessoal/Pavilhão 9

Dentro do Carandiru, cada pavilhão era representado por um time de internos. “Lá os caras levavam o futebol a sério, não era qualquer um que fazia parte dos times, se você era pé de breque, já não ia jogar, ou ficava em uma posição mais tranquila no campo”, lembra Maurício Monteiro, Gestor Ambiental e ex-detento. Ao todo, eram nove equipes que representavam seus respectivos pavilhões e realizavam campeonatos entre si para elegerem o melhor time do complexo. E foi assim, por conta do time de detentos que representava o pavilhão 9 do Carandiru, chamado ‘Corinthians do Pavilhão 9’ que nasceu a torcida organizada.

Assim como é comum em muitos complexos prisionais, no Carandiru havia Organizações Não Governamentais (ONG’s) e projetos sociais que realizavam trabalhos e atividades com os internos da instituição, promovendo visitas, oficinas, levando insumos para a instituição e promovendo atividades esportivas. Foi por meio de uma dessas visitas, do contato com os presidiários e por acompanhar os jogos do Corinthians do Pavilhão 9, que um grupo de amigos decidiu criar uma torcida para o time do Pavilhão, a fim de apoiar os amigos que ali



Torcida Corinthiana retratada sobre o bandeirão da Pavilhão Nove - Foto: Acervo pessoal/Pavilhão 9

de 90, através de um primo meu que eu fui visitar lá na casa de detenção. E aí veio a ideia de fundar a torcida ao Corinthians porque tinha um time de futebol lá na casa de detenção que era o Corinthians lá dos cadeias”, conta Ari Moraes, um dos fundadores da torcida.



*"Ladrão sangue bom tem moral na quebrada  
Mas pro Estado é só um número, mais nada  
Nove pavilhões, sete mil homens  
Que custam trezentos reais por mês, cada"*

Diário de um Detento - Racionais Mcs

Apesar da ideia original da criação da torcida ter sido por conta do time de detentos do pavilhão 9, o amor em comum que todos os membros que criaram a torcida tinham pelo Timão foi base também para que a torcida pudesse crescer dentro da instituição e ser levada além dela, principalmente porque ser Corinthians é acima de tudo um sentimento. É isso que se conclui dos documentários "Vai Corinthians", de 2022, dirigido por Ricardo Aidar, Marcela Coelho e Daniel Kfoury, que conta a história da invasão corinthiana no Japão e da conquista do mundial de clubes de 2012 e "Sou Corinthians", uma minissérie da Globoplay que conta a história do time pelo olhar do torcedor.

Nas muitas visitas que fazia ao complexo penitenciário, Ari sempre buscava promover atividades, principalmente a prática esportiva para os internos. "Eu cheguei a levar três times de futebol lá para dentro, um de veterano, um mais jovem e outro de uns amigos para poder fazer um festival de futebol para os caras lá", lembra.

À medida que a torcida ia crescendo e desenvolvendo ações, manter as atividades e o ímpeto de torcer, apenas no Carandiru, já não era mais o suficiente. A partir daí, os fundadores e integrantes passaram a buscar a oficialização da torcida, focando em chegar aos estádios para representar a equipe alvinegra paulista.

E no caso de uma torcida organizada, o sentimento e a paixão não poderiam ser diferentes, afinal Corinthians é Corinthians até atrás das grades. De acordo com um levantamento de dados de 2013 feito pelo *Folha 1*, a respeito da população carcerária do estado de São Paulo, o Corinthians é o time do coração de 63.065 detentos, de um total de 127.895. Número que corresponde a aproximadamente 49,3% do total de presos que compõem as estatísticas da pesquisa e mostra que o time é o que tem mais torcedores na comunidade carcerária dentre os clubes paulistas.

**Dois anos depois da criação da torcida organizada, em 02 de outubro de 1992, aquele mesmo chão do pavilhão testemunharia o maior massacre em um presídio brasileiro, que levou à morte 111 detentos, executados pela Polícia Militar do Estado de São Paulo.**



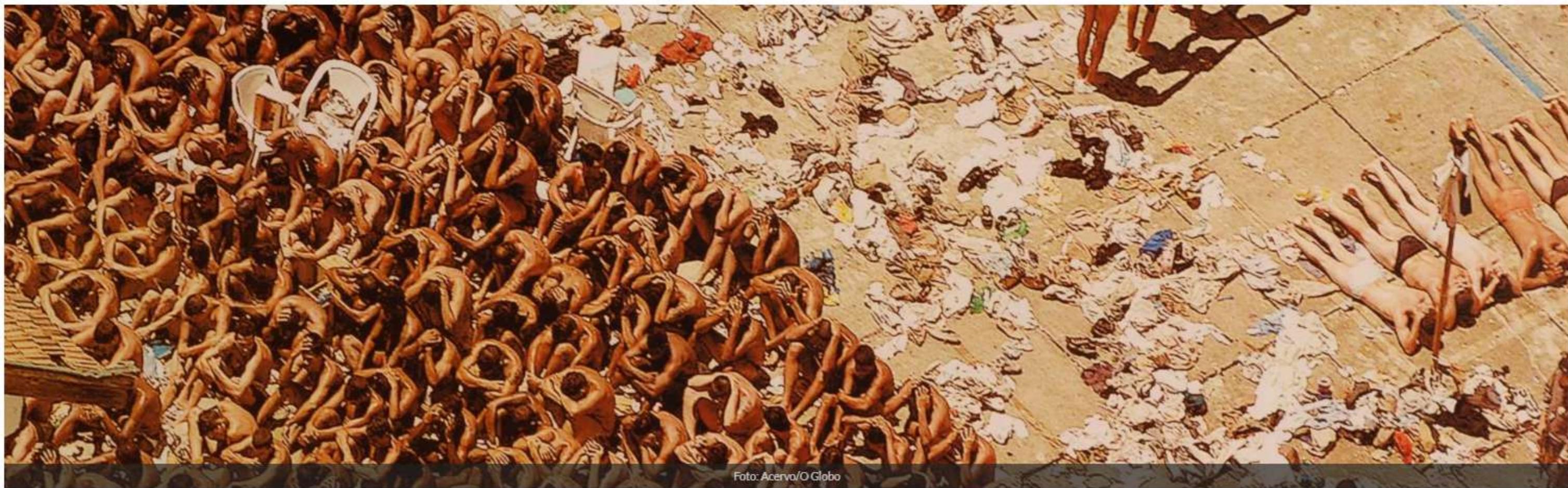


Foto: Acervo/O Globo

No presídio, que já havia sido modelo de ressocialização de presos de acordo com o Núcleo de Estudos da Violência (NEV) da Universidade de São Paulo (USP), os internos viviam sob condições insalubres, devido à falta de espaço, provocada pelo alto número populacional, o calor intenso nas épocas quentes do ano e, acima de tudo, a violência em que eram expostos todos os dias. “O sistema prisional era falho naquela época e é até hoje, porque os caras ainda não entenderam que não é só matar que tá resolvido. A gente convivia com um monte de gente lá, não tinha comida decente, não tinha casa para todo mundo e ficava claro que era um sistema opressivo, por que quando se olhava em volta só via pretos”, conta Maurício. De acordo com dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2024, cerca de 70% da população carcerária no Brasil é composta por pessoas negras, chegando a um número aproximado de 470 mil pessoas.

A fama do complexo modelo começou a mudar à medida que a população interna crescia. Inicialmente o Carandiru foi projetado e construído com sete pavilhões e uma capacidade total de abrigar cerca de 1.500 internos. Segundo o DEPEN, em 1975, a penitenciária já abrigava uma população aproximada de 5 mil presos e, pouco menos de 20 anos depois, em 1990 o número total de encarcerados já ultrapassava os 7 mil, com cerca de 2.700 apenas no pavilhão 9, que era destinado aos réus primários, muitos vindos da antiga

Atualmente no Brasil, existem 1.381 presídios ativos espalhados pelo país, de acordo com dados do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN), que abrigam uma população carcerária de aproximadamente 850 mil pessoas (0,5% da população) segundo dados da Secretaria Nacional de Políticas Penais, contemplados no Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2024.

Assim que adentravam o sistema carcerário do Carandiru, os internos eram registrados com um número de matrícula que os acompanhava para além do cumprimento de suas penas e eram destinados às suas “casas”, como eram chamadas as celas. Apesar de sua imponente estrutura, o complexo penitenciário contava com apenas três tipos diferentes de celas: as individuais, as celas duplas e as celas compartilhadas (que eram destinadas a no máximo quatro internos). Porém, com todos os problemas de superlotação que a instituição vinha enfrentando devido ao aumento da população carcerária, não é difícil imaginar que as celas não seguiam o número de internos que deveriam.

Maurício dividia uma cela individual com outros três internos, “minha cela já era apertada o suficiente para apenas uma pessoa, imagina dividindo esse espaço com outros irmãos”, conta. E apesar de ser uma situação complicada e quase inimaginável, a de Maurício não era a

Além da superlotação, outras consequências afetavam o Carandiru e sua população, como as facções. Na década de 90, pouco depois do massacre, as facções criminosas não eram tão infundadas ou conhecidas como o crime organizado que temos atualmente, eram apenas grupos formados pelos próprios internos, chamados de “famílias” onde se juntavam com quem tinham mais afinidade, fosse por região, cultura ou até mesmo o crime pelo que estavam respondendo. “Lá tinham vários irmãos, assim que você entrava já era acolhido por alguém. Por exemplo, tem a área dos manos da zona sul, zona leste, os bahianos, que vem de fora... e eu como era da zona leste já fechei com a família da leste que tinha lá”, lembra Maurício.

Através dessa conformação, e motivada pela chacina de 1992, originou-se a criação de uma das maiores facções criminosas do Brasil, o Primeiro Comando da Capital (PCC) que começou a crescer unindo detentos da Casa de Custódia de Taubaté e hoje conta com cerca de 42 mil membros de acordo com dados do jornal *O Globo*.



Ruínas e partes da estrutura do antigo Pavilhão 9 do complexo do Carandiru - Foto: Pedro Ordones

*“O sistema carcerário deveria, mas não é pensado para a ressocialização do indivíduo como mostra seu propósito. Uma vez que você olha as condições às quais são submetidos os internos, fica claro que é um sistema falho, pensado em maltratar e degradar principalmente o preto e o pobre que já nasce em uma realidade de poucas condições financeiras e sociais”, defende Camila Vedovello, doutora em sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).*

Através dos relatos de Maurício e Vedovello, não é possível vivenciar o que seria passar os dias sendo interno do Carandiru, certo? Mas será que você consegue imaginar....

Pontualmente às oito horas da manhã começa o dia, em um espaço de seis metros quadrados, o equivalente a um pequeno quarto, cerca de 10 homens se amontoam no espaço de no máximo quatro. Em meio ao calor que chega próximo dos 30º graus no verão, ouvem-se passos nos corredores e logo a primeira voz do dia ecoa por entre as grades:

- Atenção rapaziada, hora de sair de casa!

É o que bradava o agente responsável pela segurança dos internos. Esse é basicamente o despertador e que marcava a hora do café da



Ruínas e partes da estrutura do antigo Pavilhão 9 do complexo do Carandiru - Foto: Pedro Ordones

É o que bradava o agente responsável pela segurança dos internos. Esse é basicamente o despertador e que marcava a hora do café da manhã no complexo do Carandiru. Assim como no dia de qualquer brasileiro, o dia dos internos também era dividido em horários, sendo que as celas eram abertas diariamente às 8h da manhã, que é quando os detentos eram liberados para transitar pelo pavilhão e para realizar as atividades diárias. Durante quase todo o dia, eles ficavam fora das celas, retornando só às 16h, para que os funcionários fizessem a limpeza do pavilhão e os internos se preparassem para receber a janta.

Nos momentos em que estavam fora das celas, os detentos tinham de cumprir algumas funções dentro do complexo. Dentre as atividades desenvolvidas, estavam a prática de corte e costura, limpeza e higiene dos pavilhões, além de trabalhar na fábrica da penitenciária. Extraoficialmente, eles também se dedicavam a produzir cachaça, utensílios a partir de fios, como varais e até mesmo facas. Os internos tinham os momentos de banho de sol, geralmente apreciados aos fins de tarde, e também os momentos de lazer onde praticavam esportes, principalmente aquele mais amado por quase todo o Brasil, o futebol.

Em decorrência do Massacre que, de acordo com Maurício, se iniciou depois de uma discussão entre dois detentos por conta de uma



Ruínas e partes da estrutura do antigo Pavilhão 9 do complexo do Carandiru - Foto: Pedro Ordones

Em decorrência do Massacre que, de acordo com Maurício, se iniciou depois de uma discussão entre dois detentos por conta de uma partida de futebol, a rotina no Carandiru mudou e mostrou a ineficácia e despreocupação do sistema de segurança pública e do estado com relação à comunidade carcerária. Alguns anos depois, o presídio foi desativado e teve sua demolição parcial realizada em 2002, com a implosão dos pavilhões 6, 8 e 9. A partir daí, a torcida que já havia completado 12 anos de fundação e realizava diversas atividades, concentrou-se, então, em sua sede e na presença e apoio ao Corinthians.



Ruínas e partes da estrutura do antigo Pavilhão 9 do complexo do Carandiru - Foto: Pedro Ordones

# Torcer para o **Corinthians** é uma filosofia de vida



Além do amor pelo Timão, as torcidas organizadas do Corinthians têm uma característica em comum: o viés político, de defesa dos direitos humanos e apoio aos movimentos sociais. A maior referência, nesse sentido, é a Gaviões da Fiel, que de acordo com o portal *Meu Timão* ganhou notoriedade no ano de 1982, quando apoiou e fez parte do movimento '**Democracia Corinthiana**'.

O movimento foi encabeçado por jogadores como **Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira**, **Walter Casagrande Júnior**, **Antonio José da Silva Filho**, **Biro Biro**, **Zé Maria** e principalmente por **Wladimir**, que era um dos poucos jogadores negros do Timão na época e um dos principais defensores da democracia e dos direitos dos atletas no clube. Foi marcado pelo enfrentamento dos atletas ao regime autoritário que estava em vigência no país, a Ditadura Militar. E enquanto lutavam por mais participação nos processos de decisão dentro do clube, os jogadores levantaram a bandeira da importância da democracia e do voto direto.

O grupo conseguiu provocar mudanças internas na gestão do time, garantido direito de votos a todos os funcionários do clube em ações como escolhas de contratações, escalações e lugares de concentração. Passou, então, a extrapolar essa luta para fora de



como escolhas de contratações, escalafões e lugares de concentração. Passou, então, a extrapolar essa luta para fora de campo contra a repressão militar. Assim, os integrantes do movimento e a organizada do Corinthians participaram do comício pelas Diretas Já, em 1983, apoiando a aprovação da emenda constitucional Dante de Oliveira, que propunha que as eleições presidenciais fossem realizadas pelo voto.

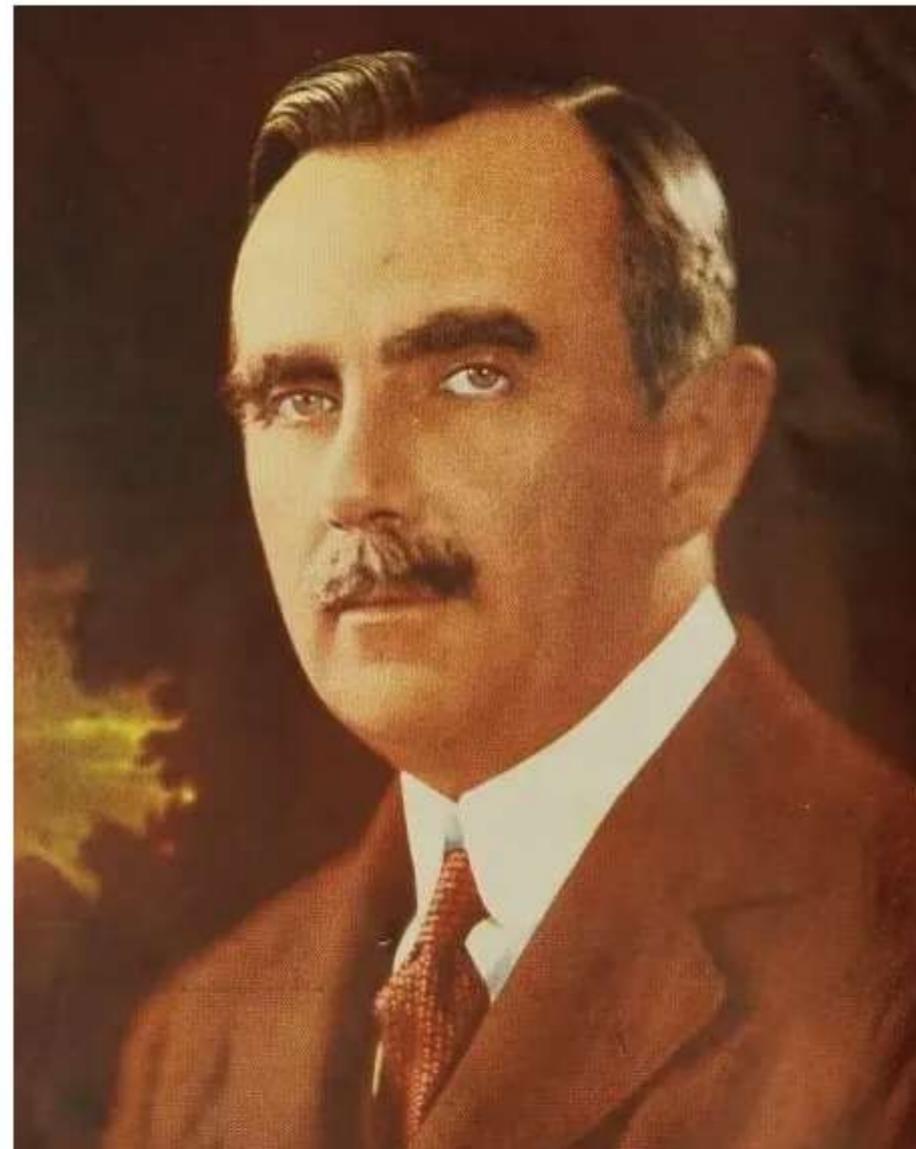
O viés político das torcidas do Corinthians não é por acaso: tem origem na história do time. A trajetória do Corinthians se inicia com a luta de classes, no caso, a dos trabalhadores para poder praticar o futebol. O esporte atualmente é o mais popular do mundo e o mais praticado no Brasil, de acordo com dados de pesquisa realizada pelo portal *Aventurando*, sendo praticado por aproximadamente 30,4 milhões de pessoas, cerca de 14% da população total do país, mas não foi sempre assim. Quando foi trazido ao Brasil, no século XIX, pelo estudante paulista Charles Miller, o futebol ganhou primeiro as camadas mais ricas da população.

Essa história começou há mais de um século, mais



Essa história começou há mais de um século, mais especificamente em 1894. Miller retornou de uma viagem à Inglaterra trazendo em sua mala artigos esportivos como bolas e uniformes, além do livro de regras do esporte que já era praticado pelos ingleses. Assim que começou a ser praticado em solo brasileiro, o futebol era jogado apenas por brancos, tido como uma prática da alta classe, ficando aos negros apenas a possibilidade de acompanhar as partidas. Na época, o Brasil havia recém realizado a abolição formal da escravidão, em 13 de maio de 1888 e, com isso, os negros recém-libertos buscavam meios de se inserir na sociedade, por meio da indústria que vinha crescendo e também de práticas culturais e esportivas.

Foi neste cenário de restrição, que surgiu o primeiro time de futebol do Brasil, do São Paulo Athletic Club, fundado por Charles Miller. Assim como a prática do esporte, as criações de clubes e de ligas também eram restritas à elite paulistana, porém, apesar disso, o futebol que já vinha ganhando popularidade e começou



Arquivo Charles Miller de 1942 - Scan de Governo de São Paulo

Para a formação e criação de times e ligas de futebol, existia uma regulamentação específica na época que, segundo o jornal *Folha de S.Paulo*, era feita pela **Liga Paulista de Foot-Ball (LPF)**, que foi fundada em 14 de dezembro de 1901 pelas equipes **Associação Atlética Mackenzie College**, **Sport Clube Internacional (SP)**, a equipe do **São Paulo Athletic Club** e o **Clube Atlético Paulistano**. A LPF foi a entidade responsável por organizar o primeiro campeonato paulista de futebol, sendo essa a primeira competição do Brasil. A entidade deu origem à atual Federação Paulista de Futebol (FPF), que hoje organiza e regula os torneios oficiais do estado de São Paulo, como Campeonato Paulista masculino e feminino, Copa Paulista e Copa São Paulo de Juniores.

Nove anos depois da chegada do futebol ao país, começaram a aparecer os primeiros times de futebol amador que nasceram nas margens dos rios Tamanduateí e Tietê e recebeu o nome de futebol de várzea. Tinha início, então, a popularização do esporte. O primeiro time foi o Éden Liberdade Football Club, fundado em 1904 e atualmente extinto, segundo o



SPAC com Charles William Miller no centro (1905) - Centro Britânico Brasileiro

times foram criados, como o Dragões da Casa Verde, o Santos de São Miguel Paulista, Danúbio Azul da Mooca, Negritude FC da Cohab I, o Piraporinha de Santo Amaro e o Boa Vista de Diadema.

E foi nesse contexto da ampliação do futebol para as comunidades e da ascensão da várzea, que foi fundado em São Paulo, em 1910, o primeiro clube de futebol composto por trabalhadores das fábricas da época da revolução industrial, o Sport Club Corinthians Paulista. A equipe alvinegra nasceu no bairro Bom Retiro, na região central de São Paulo, fundada pelos operários Joaquim Ambrósio, Antônio Pereira, Rafael Perrone, Anselmo Correa e Carlos Silva, além de outros oito integrantes que contribuíram com 20 mil réis, e também foram considerados como sócios-fundadores. A criação do time foi inspirada na equipe inglesa Corinthian FC que fazia uma excursão pelo Brasil.

À medida que o Corinthians ia se constituindo como um clube, os integrantes alugaram um espaço no Bom Retiro, onde fizeram seu

Apesar de estar crescendo e alcançando sucesso nos jogos, o Corinthians ainda não podia competir no campeonato oficial. Mas a história do clube mudou três anos depois de sua fundação. Com a saída de um dos times oficiais da LPF, em razão de conflitos entre os membros da Liga, abriu-se uma vaga para que equipes de várzea pudessem disputar a competição. Através de uma seletiva com duelos diretos, o Timão garantiu sua classificação derrotando as equipes do Brás, do FC São Paulo do bairro do Bexiga e o Minas Gerais. Assim, em 1913, a equipe dos operários disputou seu primeiro campeonato paulista, onde terminou na quinta colocação e tornou-se um clube oficial e pertencente à elite do futebol paulista.

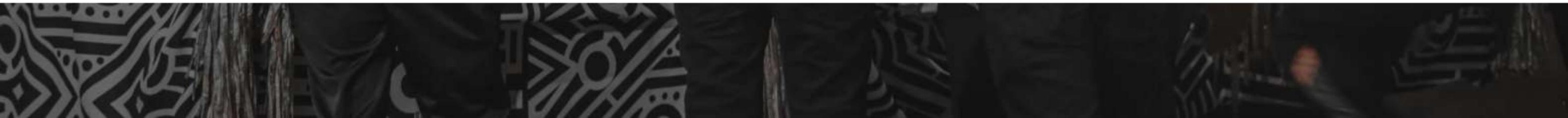
Um ano depois, em 1914 o Corinthians conquistou seu primeiro título do Campeonato Paulista, após vencer todas as partidas em que

ali foram realizados treinos, a contratação de novos atletas e segundo o portal *Meu Timão*, aconteceu também a primeira partida do time, em 14 de setembro de 1910 contra a União da Lapa. A primeira escalação oficial era composta por: Valente, Perrone, Atílio, Lepre, Alfredo, Police, João da Silva, Jorge Campbell, Fabbi, César Nunes e Joaquim Ambrósio.

Na partida seguinte, o Corinthians enfrentou o Estrela Polar, conquistando sua primeira vitória por 2 a 0 com gols de Fabbi e Campbell. O segundo embate foi contra a equipe Atlética da Lapa que era temida por ser constituída apenas de jogadores ingleses e o alvinegro paulista saiu com a vitória por uma goleada de 5 a 0. Ainda de acordo com o *Meu Timão*, após a vitória sobre a equipe da Lapa, o time do povo decidiu investir em um uniforme, para utilizar nos duelos seguintes.

futebol do Brasileiro, tendo conquistado até o momento 54 títulos oficiais, sendo 30 campeonatos paulista - o que a torna o maior vencedora do torneio -oito taças do Campeonato Brasileiro, três Copas do Brasil, uma Supercopa do Brasil, uma Libertadores da América, dois Mundiais de Clubes e uma Recopa Sul-Americana.

Hoje, além das inúmeras conquistas, o Corinthians é não só um time, mas também um clube desportivo, sendo o mais antigo da capital dentre os quatro grandes e possui além da representação masculina, um time feminino que também é multicampeão com um total de 20 taças conquistadas desde 2016, quando a equipe foi reativada.



# Torcida, sociedade e carnaval



Foto: Acervo pessoal/Pavilhão 9

Atualmente, o **Grêmio Recreativo Cultural Social Bloco Torcida Clube Desportivo Pavilhão Nove** destaca-se por ser uma das três maiores e principais representantes do Timão, tendo aproximadamente **16 mil associados** no total e cerca de 3 mil destes ativos e presentes nos jogos do clube.

No início da torcida, em meados dos anos 90, à medida que a Pavilhão Nove crescia, ela chegou a ter atritos com a **Gaviões da Fiel**. Porém, os desentendimentos não voltaram a acontecer e hoje as torcidas do Corinthians estão unidas em prol da equipe e Ari considera os Gaviões padrinhos da Pavilhão Nove.

Assim como está presente na história e no estigma do Corinthians, o clube é conhecido como o time do povo e, no caso da torcida organizada, não é diferente. Além de ser instituída através de projetos e pautas sociais e de ser um bloco carnavalesco, a Pavilhão 9 se dedica a ir além da torcida e da representação do time nos estádios, realizando diversos trabalhos e atividades sociais voltados para a comunidade do bairro Itaquera, na zona leste da capital paulista, onde a sede da torcida está localizada e também para a comunidade corinthiana geral da grande São Paulo.

Algumas das principais atividades da organizada acontecem próximo à antiga quadra da instituição, que ficava localizada na Vila dos Remédios, na zona oeste paulistana. *“Até hoje temos um projeto de uma escolinha de futebol para crianças e adolescentes de cinco a 19 anos que fundamos ali na vila Ayrosa, em Osasco”*, conta Ari. Ainda segundo o fundador da Pavilhão Nove, o projeto foi iniciado por ele e por **Paulo Rogério**, também associado da torcida e atualmente quem cuida da escolinha são outros integrantes da organizada. As aulas acontecem semanalmente de segunda, quarta e sexta-feira e tem aproximadamente 23 jogadores atuantes.

A mudança da sede da **Pavilhão da Vila dos Remédios se deu de forma trágica**. A história da torcida foi atravessada por duas chacinas: a primeira, do *Carandiru* em 02 de outubro de 1992, que

Apesar de não ter sido criada com o propósito de criar desajustes com torcidas adversárias, a Pavilhão Nove tinha como uma de suas maiores oposições a torcida do **São Paulo F.C., Independente**, que é citada na letra da música. Tal rivalidade foi iniciada por conta dos times que as torcidas representam, serem adversários no futebol, porém foi intensificada ao longo dos anos em razão de um **ataque da Independente à Pavilhão no Carnaval de 2002**, que acabou resultando em morte. Segundo informações do Jornal Folha de S.Paulo: *“Prestes a desfilar, integrantes do bloco Tricolor Independente, formado por torcedores são-paulinos, atacaram corintianos do bloco Pavilhão 9. Ruy Luciano Nogueira, 25, da Pavilhão, morreu com um tiro na cabeça. Testemunhas disseram que cerca de dez corintianos foram atacados por uma centena de tricolores, armados com revólveres e paus. “Vi um homem baleado ser espancado, no chão, por dez torcedores do São Paulo”*, disse o major Ricardo de Souza Ferreira, do 9º Batalhão da PM.”

Além da independente, outras rixas acabaram se originando entre torcidas adversárias e a Pavilhão, por conta de alianças que as organizadas fazem umas com as outras, por exemplo, com a **Máfia Azul**, torcida representante do time do Cruzeiro, de Minas Gerais, que de acordo com o portal *Museu do Futebol*, faz parte da **União Punho Cruzado** (UPC) e é aliada da torcida da representante do São

**chacinas:** a primeira, do **Carandiru em 02 de outubro de 1992**, que ocorreu no mesmo pavilhão onde a torcida nasceu e a segunda em **18 de abril de 2015**, quando o **ex-PM Rodney Dias dos Santos**, com o auxílio de mais duas pessoas, assassinou oito integrantes da Pavilhão Nove na quadra da torcida. Um deles era o ex-presidente da agremiação (2012-2014) **Fábio Neves Domingos**, conhecido como **Dumemo**.

Fábio era conhecido no meio das torcidas por ser destemido e acompanhado de uma fama de briguento, segundo membros da organizada que o acompanhavam nos jogos do *Timão*. De acordo com a *Veja*, Dumemo esteve envolvido em um dos casos mais emblemáticos da **conmebol Libertadores**, quando em 2013, torcedores do Corinthians foram tidos como suspeitos de atirar um foguete que matou o adolescente boliviano **Kevin Spada**, de 14 anos, durante uma partida da competição e chegou a ficar detido durante 106 dias na Bolívia.

De acordo com o informações do **Ministério Público de São Paulo**, "*Fábio foi morto por motivo torpe, porque era desafeto de Rodney Dias dos Santos em razão de desavenças antigas na gerência da torcida Pavilhão Nove e de disputa pela venda de entorpecentes na região do*

**Pavilhão Cruzado** (OFC) e é aliada da torcida da representante do São Paulo, alimentando a mesma rivalidade em relação a Pavilhão Nove e em alguns momentos gerando violência dentro e fora dos estádios.

E, pensando em combater a violência provocada pelas adversidades entre torcidas, as entidades responsáveis pela regulamentação do futebol passaram a **responsabilizar os clubes pelos conflitos** gerados por suas torcidas. De acordo com o portal *Lei em Campo*, a responsabilização dos clubes pelo comportamento dos seus torcedores está garantida por lei no **artigo 152 da Lei Geral do Esporte** e expressa também no Código Disciplinar da **Federação Internacional de Futebol (FIFA)**. O que significa que os clubes respondem por quaisquer conflitos gerados por suas torcidas, sendo obrigados a pagarem multas ou até cumprindo punições perdendo por tempo determinado a presença de suas torcidas nos estádios.

Além disso, de acordo com o *UOL*, desde 2016 em São Paulo e em algumas capitais do Brasil, os jogos que se dão entre times rivais da capital (os considerados clássicos), são realizados com apenas uma única torcida representante no estádio, geralmente a torcida do clube mandante da partida. Tal ação vem sendo implementada ao longo dos anos, também como uma ferramenta para evitar as brigas entre as torcidas. Segundo o portal *Terra*, as ações tomadas têm

conseguiram fugir. Não foram pegando notícias da época, por que reconheceram os atiradores. **Eles tinham de 19 a 34 anos e foram executados ajoelhados, junto com Fábio.** Em 2019, Rodney Dias dos Santos foi condenado a 149 anos e quatro meses de prisão pelas mortes. Após a chacina, a quadra foi fechada e transformada em um memorial para celebrar os membros assassinados. A torcida mudou sua sede para o bairro de Itaquera, na região leste da capital paulista.

A temática da da violência sempre esteve associada às s torcidas organizadas desde a criação da primeira delas e no caso da Pavilhão Nove não era diferente, o que fica claro analisando um dos principais gritos de guerra da torcida: *"Sai sai da frente que eu vou matar independente; Sou pavilhão e grito forte; Não temo a luta não temo a morte; Avante companheiros que essa luta é minha e sua; Eu sou pavilhão e a porrada continua"*. Gritos como esse eram entoados nos jogos do Corinthians, principalmente contra os rivais da cidade.

da Segurança Pública do Estado de São Paulo (SSP-SP) desde 2016 houve uma redução de aproximadamente **43% das ocorrências de violências** nos estádios, analisando os períodos de 2016 a 2022.

Ari afirma que tantos casos de violência e conflitos no passado levaram a uma mudança. Ele entende que os cânticos que pregam a pancadaria são coisa de outros tempos. *"Eu ajudei a fundar a Pavilhão ali na Vila dos Remédios, como uma forma de amor ao Corinthians e ao futebol, para apoiar meu time, me reunir junto com meus amigos e torcer e acima de tudo para gerar união e amor no futebol"*, conta Ari.





Ainda na Vila dos Remédios, segundo Ari, a Pavilhão foi uma das instituições responsáveis por instituir, na década de 1990, um projeto social chamado **“Terra Esperança”**, na área de habitação, que entregou cerca de **480 apartamentos** que abrigaram aproximadamente mil pessoas que não tinham lares na capital paulista. De acordo com a prefeitura de Osasco, em 2023, a **Secretaria de Habitação da Prefeitura de Osasco** e a **Companhia Paulista de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU)** entregaram 1.300 títulos de regularização aos moradores do projeto.

A bateria é como se fosse o coração da torcida, é ela quem dá ritmo às canções entoadas nos estádios, ela quem dá o clima do jogo, quem empurra o time para as vitórias a cada batida dos instrumentos e assim como em um desfile de carnaval, é a bateria que preenche os espaços das arquibancadas.

Para o antropólogo e pesquisador de torcidas organizadas Roberto Souza, a bateria tem um papel fundamental seja nas arquibancadas dos estádios ou na avenida nos desfiles de carnaval, porém em

Além dessas atividades fora da sede, a torcida desenvolve também projetos de artes marciais como **oficinas e treinos de boxe** na sede, acontecendo geralmente aos fins de semana com a presença de um professor instrutor da modalidade. De acordo com o perfil da torcida no Instagram, as oficinas contam com a participação de aproximadamente 20 alunos. A instituição ainda realiza **festivais de futebol** de campo e todos os anos, na comemoração de aniversário, promove uma festa na sede onde são arrecadados alimentos e mantimentos, destinados a projetos sociais. *“A gente geralmente pede 1 kg de alimento como forma de entrada nas festas de aniversário da Pavilhão e depois de organizarmos esses alimentos, nós doamos para creches, orfanatos e entidades carentes que mais precisam de apoio”*, afirma Ari.

E no decorrer do ano, o Grêmio Recreativo ainda realiza outras atividades esporádicas, principalmente em datas comemorativas como na páscoa, onde os integrantes e representantes da torcida arrecadam ovos de chocolate através de ações na sede e os entregam pelas comunidades da zona leste. Além disso, nas épocas de inverno, durante os meses de junho, julho e agosto, a P9 realiza **campanhas buscando arrecadar doações de roupas de frio e cobertores**, a fim de destiná-las às instituições necessitadas. Além disso, no mês de

*contexto de jogo, tem toda aquela parte do apoio e incentivo ao time através das canções e cantos. Já em um contexto de carnaval, a escola de samba, ou bloco no caso da Pavilhão depende da bateria, pois ela é a identidade do desfile muitas vezes, ela quem dá ritmo ao desfile”*, afirma o pesquisador.

Durante quase o ano todo a torcida se empenha em acompanhar o Corinthians nos jogos de todas as competições que participa, seja jogando em casa na Neoquímica Arena, ou nos estádios dos visitantes. Porém os começos de ano, mais especificamente em fevereiro ou março, dependendo de quando caí o carnaval, o futebol divide espaço no coração dos membros da P9 que também se empenham para a participação dos desfiles de rua da capital paulista.

Se analisarmos do ponto de vista administrativo, a torcida organizada é uma mesma entidade sendo agremiação, bloco de carnaval e clube social, utilizando um único Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ), diferentemente de outros torcidas representantes do Corinthians, como é o caso da Gaviões da Fiel, que já é uma escola de samba e utiliza um CNPJ para a entidade torcida e outro para a escola de samba, dividindo assim a organizada em duas instituições diferentes.

**buscando arrecadar doações de roupas de frio e cobertores**, a fim de destiná-las às instituições necessitadas. Além disso, no mês de outubro, a torcida sempre abre sua sede e realiza atividades e ações como comemoração ao dia das crianças, distribuindo também doces e brinquedos que são arrecadados. Outras datas comemorativas também são celebradas pela organizada com realização de ações como no natal, quando a torcida faz campanhas de arrecadação de alimentos para doar a instituições que atendem pessoas necessitadas.

Apesar de realizar muitas diversas atividades e ações sociais no decorrer do ano, a torcida se divide principalmente entre duas paixões, o futebol e o carnaval, já que é também um bloco carnavalesco. Assim como o futebol é uma paixão do Brasil e do brasileiro, há outra característica forte do nosso país, que também é uma das identidades da Pavilhão 9, o carnaval.

Como toda organizada de bancada (como são chamadas as torcidas que representam seus times nas arquibancadas dos estádios) a Pavilhão 9 é dividida em partes, tendo o corpo de torcida, que geralmente é composto pela maioria dos integrantes da agremiação que cantam do início ao fim do jogo apoiando o time, tem os **porta-bandeiras**, responsáveis por erguer e balançar as bandeiras durante

diferentes.

Pelo fato de ainda não ser uma torcida tão grande em número de componentes e não ter um alto valor em arrecadação, a torcida ainda não pode ser considerada uma escola de samba e por isso participa de uma divisão específica do carnaval paulista destinada apenas aos considerados blocos carnavalescos. Segundo o portal *Camarote Carnaval*, a principal diferença entre bloco carnavalesco e escola de samba é que os blocos são cortejos semiorganizados onde as pessoas desfilam por um trajeto definido, ao som de samba e bateria e os foliões podem vestir uma mesma fantasia ou camisetas.

Já as escolas de samba são agremiações organizadas que desfilam nas avenidas e são submetidas a diversos critérios e avaliações profissionais, disputando a elite do carnaval. Atualmente os maiores desfiles carnavalescos acontecem em São Paulo e no Rio de Janeiro.

que representam seus times nas arquibancadas dos estádios) a Pavilhão 9 é dividida em partes, tendo o corpo de torcida, que geralmente é composto pela maioria dos integrantes da agremiação que cantam do início ao fim do jogo apoiando o time, tem os **portabandeiras**, responsáveis por erguer e balançar as bandeiras durante os jogos ou os eventos oficiais e por fim a **bateria**.

**“Nós já desfilamos como bloco carnavalesco filiados a União das Escolas de Samba de São Paulo (UESP), há cerca de 33 carnavais, fazendo os desfiles e disponibilizando os materiais, como fantasias, de forma gratuita para ajudar os membros e quem estiver junto para desfilar pela Pavilhão”, comenta Ari.**



*Ademir*, em sua estreia. Na disputa daquele ano, o bloco encerrou a participação na quinta colocação. No ano seguinte a torcida apresentou o enredo: ***Brasil, se essa moda pega***, e conquistou seu **primeiro título** como bloco carnavalesco disputando na categoria blocos de enredo. Em 1994, chegando ao segundo ano de disputas a Pavilhão conquistou seu **segundo título** consecutivo, garantindo o bicampeonato com o samba enredo: ***Um Rei Menino no Cortejo da Ilusão***.

Nos 10 anos seguintes, de 1995 a 2005 o bloco paulista não teve os melhores desempenhos e não chegou a conquistar mais títulos oscilando entre a 10ª e a segunda colocação entre os anos de disputa. No ano seguinte, em 2006, a torcida apresentou o enredo ***Vicente Mateus, o senhor Corinthians*** composto pelos carnavalescos **Eduardo, Edmilson e André** e novamente alcançou a quarta colocação na classificação geral. Já nos anos de 2007 e 2008, o Grêmio Recreativo alcançava suas melhores colocações desde 1999, garantindo o vice-campeonato das disputas, apresentando os sambas enredo: ***Arigatô, Sayonara, o país do sol nascente***, composto por Osmar Donizete, Beto Honorato, Vadô Milhan e Mascate e ***Ritmos quentes e envolventes de origens negras***, composto pelo sambista Mauro Pirata.



Componentes da Bateria da Torcida Pavilhão 9 - Foto: Acervo pessoal/ Pavilhão 9

Nos quatro anos seguintes, de 2009 a 2012, a P9 passou por modificações oscilando na classificação das disputas carnavalescas ano após ano, conseguindo seu melhor resultado dentre estes anos em 2010, onde voltou a ocupar a quarta posição na disputa, apresentando o samba enredo *Simplesmente o Neto - Uma página de Determinação e Glórias no Centenário do Glorioso Corinthians*, composto e interpretado por Mydras Schmidt. Em 2013, vindo de uma amarga sétima colocação no ano anterior, a P9 conseguiu uma recuperação e novamente conquistou o vice-campeonato das disputas dos blocos especiais, com outro enredo composto por Mydras, este intitulado: *Vida de Boêmio*. No ano seguinte a Pavilhão **conquistou seu primeiro título como bloco carnavalesco**, com o samba enredo: *É o nordeste, é o sertão em festa no pavilhão*, interpretado por Mydras.

Nos quatro anos seguintes, de 2015 a 2019, a P9 não alcançou seu melhor desempenho nos desfiles, chegando a oscilar entre a 7ª e a 12ª segunda colocação dentre os anos. Já em 2020, o bloco alvinegro chegou ao tricampeonato da disputa dos blocos especiais, sangrando-se campeã com o samba enredo: *Tambor, África, Brasil*. De lá para cá, o bloco tem figurado entre os melhores nos últimos anos, tendo conquistado o segundo lugar em 2022 com o enredo *Guerreiro de Fé* e



Desfile do Bloco carnavalesco Pavilhão 9 - Foto: Acervo pessoal/ Pavilhão 9

conquistado o segundo lugar em 2022 com o enredo *Guerreiro de Fé* e em 2023. Neste ano a **Pavilhão** chegou a conquista de seu **quarto título** apresentando o samba enredo: *Saravá, Meus Pretos Velhos*, composto pelos carnavalescos Chocolate, Kléber Chocolatinho, Digo Sá e Tchelo.

O samba enredo de 2024, que garantiu o título de campeão dos desfiles de blocos carnavalescos do carnaval de São Paulo a Pavilhão, retrata a Pavilhão e acima de tudo o Corinthians como a forma de religião seguida pelos fiéis torcedores e retrata a história do povo preto vindo da África quando canta: *"Auê, auá, seu preto velho já vai chegar; Um fio de conta, um cachimbo e café; Pavilhão Nove, quer seu axé"*

A Pavilhão representa tudo que é o Corinthians, a torcida, o carnaval e o futebol. Aqui, terei de falar em primeira pessoa. Para mim, enquanto torcedor, ser Corinthians tem muitos significados que vão além do torcer; e eu poderia utilizar mil adjetivos para tentar explicar o que é ser do time do povo, mas acredito que o Corinthians não se explica, se sente! Sinto que na minha visão, ser Corinthians é ser o meu tio chorando no chão da sala enrolado em uma bandeira quando o Timão conquistava o mundo em 2012, é ser meu pai e meu avô vibrando com Basílio a conquista do Paulistão de 77, 21 anos antes



Integrantes do Bloco Carnavalesco Pavilhão 9 - Foto: Acervo Pessoal/ Pavilhão 9

O samba enredo de 2024, que garantiu o título de campeão dos desfiles de blocos carnavalescos do carnaval de São Paulo a Pavilhão, retrata a Pavilhão e acima de tudo o Corinthians como a forma de religião seguida pelos fiéis torcedores e retrata a história do povo preto vindo da África quando canta: *"Auê, auá, seu preto velho já vai chegar; Um fio de conta, um cachimbo e café; Pavilhão Nove, quer seu axé"*

A Pavilhão representa tudo que é o Corinthians, a torcida, o carnaval e o futebol. Aqui, terei de falar em primeira pessoa. Para mim, enquanto torcedor, ser Corinthians tem muitos significados que vão além do torcer; e eu poderia utilizar mil adjetivos para tentar explicar o que é ser do time do povo, mas acredito que o Corinthians não se explica, se sente! Sinto que na minha visão, ser Corinthians é ser o meu tio chorando no chão da sala enrolado em uma bandeira quando o Timão conquistava o mundo em 2012, é ser meu pai e meu avô vibrando com Basílio a conquista do Paulistão de 77, 21 anos antes de eu nascer, depois de um jejum de 22 anos e acima de tudo é continuar fiel seja na série A ou na D.



Integrantes do Bloco Carnavalesco Pavilhão 9 - Foto: Acervo Pessoal/ Pavilhão 9